

ENTRE NO (MEIO) AMBIENTE DE “OS SIMPSONS”

Cleonice Cristiane de Oliveira *
Adriana Cristina Omena dos Santos**

RESUMO

O artigo apresenta resultados, da monografia de curso de pós-graduação, do estudo comparativo entre a sociedade pós-moderna e a produção cinematográfica “Os Simpsons – o filme”, com a proposta de buscar semelhanças entre a sociedade atual e a apresentada no desenho animado focando basicamente nas questões ambientais e no comportamento dos indivíduos diante do desafio mundial de encontrar formas viáveis e executáveis de se preservar o meio ambiente.

Palavras-chave: sociedade pós-moderna, desenho animado, meio ambiente.

ABSTRACT

The article presents results of the comparative study between the post-modern society and the cinematographic production “Simpsons - the film” and search similarities among the current society and introduced her/it in the cartoon. The analysis has focus in the environmental subjects and in the individuals’ behavior before the world challenge of finding viable and executable forms of preserving the environment.

Key-works: post-modern society, cartoon, environment.

Biografia

*Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins –UFT. Especialista em Comunicação, Sociedade e Meio Ambiente, e-mail:cleodeoliveira@hotmail.com

**Professora na Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e-mail:acomena@usp.br

SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E ENTRETENIMENTO

A sociedade de hoje tem características tão peculiares e por vezes contraditórias umas às outras que tem despertado a atenção de estudiosos quanto a uma definição para esta época em que os componentes sociais estão envolvidos. O termo mais utilizado para a atual conjuntura social, apesar de não ser unanimidade entre os pesquisadores, é o de pós-modernidade.

A falta de consenso quanto ao termo pós-modernidade segundo Gambarato (2004) se deve ao fato de que 'pós' pode significar tanto algo que vem depois, no sentido de sucessão, como algo que dá continuidade à situação, fato ou período precedente. Para a autora:

Essa proposição se apresenta um tanto quanto confusa, no entanto, ela apenas traduz as inúmeras confusões, mal-entendidos, equívocos e ambivalências que comumente ocorrem quando o prefixo pós é anexado às mais variadas terminologias do mundo erudito: pós-impressionismo, pós-simbolismo, pós-rural, pós-industrial, pós-moderno, pós-humano, enfim, pós-tudo. Pós, do latim post, significa após, o que num primeiro olhar parece simples e claro: aquilo que vem depois. Já num exame mais minucioso, percebemos as ambigüidades que emergem desse prefixo e que, conseqüentemente, podem gerar imprecisões terminológicas importantes [...] (GAMBARATO, 2004, p. 1).

A pesquisa refere-se à sociedade atual como pós-moderna, no sentido de uma organização social sucessora à modernidade. Trata-se de uma nova organização social e não apenas uma articulação devido ao mal-estar com o período antecessor. Assim, a questão da identidade pós-moderna entra em discussão, sob o principal argumento de que outros indivíduos estão surgindo, mais fragmentados e compostos de várias identidades. Na sociedade pós-moderna, a identidade não é permanente, mas transformada a cada local e contato do indivíduo com determinada situação.

Ao abordar o assunto, Rifkin (2001) afirma que o pós-moderno:

[...] é constituído sobre um conjunto totalmente diferente de pressupostos sobre a natureza da realidade – pressupostos que, em última instância, minam as idéias modernas sobre propriedade e dão suporte à reestruturação das relações humanas em torno dos princípios de acesso. Para começar, os acadêmicos pós-modernos rejeitam toda idéia de uma realidade fixa e cognoscível (RIFKIN, 2001, p.156-157).

O estudioso Stuart Hall (1999, p.12), simpático à afirmação que a sociedade pós-moderna vive em um ambiente social de fragmentação da identidade

característica do período moderno, também apresenta considerações pertinentes quando afirma que:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Ciente da complexidade do termo “pós-moderno” para a denominação da sociedade atual, o autor enfatiza que alguns estudiosos importantes como Anthony Giddens, David Harvey e Ernest Laclau têm abordagens diferentes sobre o que é a sociedade pós-moderna. Contudo, afirma que “suas ênfases na descontinuidade, na fragmentação, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum” (HALL, 1999, p. 18). Desta forma, cabe salientar que a identidade fragmentada da pós-modernidade insere mudanças e coloca o indivíduo frente a frente com as possibilidades das mais variadas ordens.

O pensamento pós-moderno é resultado de uma nova configuração em todas as áreas, principalmente as que envolvem o indivíduo como agente político e social. Lima (2005, p.5), descreve a sociedade pós-moderna e elucida as afirmativas feitas anteriormente ao defender que

O superego pós-moderno “tudo vale” e “tudo deve porque pode”. Todos se sentem na obrigação de se divertir, de “curtir a vida adoidado” e de “trabalhar muito para ter dinheiro ou prestígio social”, não importando os limites de si próprio e de outros. As pessoas se sentem no dever de vender como se fosse um prazer, de fazer ceia de natal em casa à meia noite, de comemorar o gol que todo mundo está comemorando, de curtir o carnaval nos 3 ou 4 dias, de seguir uma religião, de usar celular sem motivo concreto, de gastar o dinheiro que não têm, de trepar toda noite porque todos dão a impressão de fazê-lo, de fazer cursos e mais cursos, ascender na empresa, escrever mil e um artigos por ano na universidade, enfim, todos parecem viver na “obrigação” de se cumprir uma ordem invisível, e de ser visivelmente feliz e vencedor.

Com todas as contextualizações feitas acerca da sociedade pós-moderna, cabe afirmar que o entretenimento é uma de duas características. É o entreter que as pessoas buscam e por muitas vezes é nele que elas acabam vendo a realidade que

vivem, caricaturada ou não, e também vêm indivíduos que reconhecem nas ruas, nas notícias de jornais, dentro de casa e até em um auto-reconhecimento.

Retomando a argumentação de Rifkin (2001) sobre a sociedade pós-moderna, percebe-se que a humanidade quer e precisa de diversão. De acordo com o autor, “Eles acham que o mundo é um palco e suas próprias vidas são uma série de performances” (RIFKIN, 2001, p.154). Para ele, um novo arquétipo humano está nascendo.

O pressuposto de que a sociedade atual é perdida em termos de atitude é devido a herança social moderna, de uma sociedade que tanto pregou a produtividade e agora se vê rodeada pela busca incansável de nada mais, nada menos, que diversão. O autor (2001, p.153-154) apresenta este homem pós-moderno, mais ligado aos prazeres que à produtividade, ao afirmar que os indivíduos

Embora sejam menos capazes de formar uma sentença escrita, são mais competentes para processar dados eletrônicos. São menos analíticos e mais emotivos. Consideram a Disney World e o Club Med como “coisas reais”, consideram o shopping center um espaço público e comparam a soberania do consumidor à democracia. Gastam tanto tempo com personagens de ficção na televisão, em filmes e no ciberespaço quanto o fazem com seus colegas em tempo real, e integram os personagens de ficção e suas experiências em conversas sociais, tornando-os parte de suas histórias pessoais. O mundo deles é menos delimitado e mais fluido.

É o autor que também esclarece que todas as expressões da sociedade pós-moderna ressoam com teatralidade e em tanta busca pelo entretenimento, não é de se estranhar que as atividades de entreter e os meios de acesso a elas sejam tidos como a própria experiência do indivíduo. Isto porque as ferramentas de comunicação, como telefones, filmes e televisão, transformam imagens de faz-de-conta que, ao serem comunicadas, parecem mais reais que a realidade. Para o autor, “O ciberespaço, então, substituiu a realidade pela realidade virtual – ambientes simbólicos, eletronicamente imediatos que as pessoas vivenciam como se fossem reais” (RIFKIN, 2001, p.138).

Este raciocínio coloca a televisão como ferramenta de comunicação e cenário de existência para os indivíduos. Pode-se dizer que a relação do indivíduo que quer diversão e com os meios de comunicação, como a TV, é mais uma prova que está em curso uma sociedade que rompeu com a modernidade, e não uma organização social que ainda promoverá este rompimento.

A televisão recebe atenção especial quando se discute o entreter dos indivíduos, como Connor (1989, p. 109) ao afirmar que

O diagnóstico pós-moderno também migrou para áreas de vida cultural para as quais não parece existir um “modernismo” preexistente satisfatório, como o cinema, a TV, a ópera e o rock. (...) Formas como o rock e a TV pertencem inescapavelmente ao mundo contemporâneo de cultura eletrônica global que são, por isso, mais pós-modernos do que as formas que tiveram de deixar para trás suas sombras modernistas.

Rifkin (2001) parece concordar com Connor (1989), já que para ele a TV é o lugar onde os indivíduos passam parte de seu tempo e onde criam histórias individuais e coletivas. O autor declara que a atual geração compara o mundo que vive e os eventos que ocorrem nele, a algo que viram ou presenciaram diante da televisão.

O próprio entretenimento tem utilizado desta condição e o universo televisivo está cheio de mensagens que descrevem a sociedade. Por isso o entretenimento apresenta relevância nos processos e relações dos indivíduos pós-modernos, que valorizam muito o acesso à diversão. Nestas circunstâncias sobre o entretenimento no século XX, de acordo com Galindo (2004), as atividades de entreter recorrente nos meios de comunicação de massa são um elemento socializador e mercadológico, que envolvem a audiência no consumo e ao mesmo tempo distraem. O autor considera que isto é capaz de proporcionar devaneio e gratificação emocional a quem está a se entreter.

O conceito de entretenimento surgiu desta forma mais específica, como produção cultural de massa, ao longo dos séculos XIX e XX. Isso o torna uma condição recente, embora seja necessário frisar que no decorrer de toda a história os indivíduos mantiveram contato com a diversão, quer fosse através de brincadeiras, quer fosse por jogos e campeonatos mais elaborados que envolviam nações inteiras. Por este pouco tempo que o entretenimento é considerado parte na sociedade, algumas atividades de entreter sofrem preconceitos que crescem com o auxílio das elites sociais que se incomodam com o divertimento fácil que o entretenimento oferece. Acerca deste assunto, Trigo (2003,p.32,33) faz afirmações que expõem o preconceito quanto à área do entretenimento ao declarar que

O fato de que a intelectualidade religiosa e política nunca prezou muito a diversão e o prazer ajuda a entender os preconceitos que cercam essa área e os muxoxos que as elites culturais fazem quando ouvem essa expressão. Sem considerar a profunda desconfiança que tinham a respeito da sensibilidade popular. Para essas classes superiores a maioria do povo era preguiçosa, ignorante e infantil. Estava formado o cenário para os aristocratas da arte encararem o entretenimento como um anátema social, sem contar a preocupação dos filósofos com o caos conceitual e comportamental que se aproximava.

Conforme as ponderações de Trigo (2003, p.180), “o problema é que o capitalismo pós-industrial forjou uma poderosa vertente tecnológica composta pela mídia e pelo turismo de massa que tentaram homogeneizar o entretenimento”. Contudo, mesmo que as culturas mundiais sejam complexas o suficiente para incapacitar esta homogeneização, as opções de entretenimento norte-americanas ainda são maioria para as pessoas e por isso estão à frente no quesito preferência da sociedade.

Assim, segundo o autor, não é adequado desconsiderar o consumo do entretenimento norte-americano. É por isso que os seriados de TV são importados ou produzidos nos padrões dos Estados Unidos, os canais por assinatura existem, as locadoras de filme em VHS (fita) e DVD oferecem produções norte-americanas e o Oscar é o prêmio cinematográfico mais conhecido.

Diante de todas essas relações, os meios de comunicação de massa passaram a ser o eixo principal entre a cultura de massa e o lazer. Com programação de telejornais, novelas, filmes, animação, programas de auditório, entre outros, a televisão é uma das principais fontes de entretenimento na pós-modernidade. Esta condição é favorecida pela maior acessibilidade da sociedade à TV, em comparação com a Internet.

Mais que uma forma de passar o tempo, o entretenimento caracteriza um estilo de vida que as pessoas almejam ter: leve, bem humorado e fantástico. E eis que nesta sociedade pós-moderna, surge uma discussão que parece ser coerente com o tipo de indivíduos existentes, já que não se refere (diretamente) a crises econômicas e/ou políticas mundiais, como houve em épocas anteriores, mas sim às condições humanas relacionadas a qualidade de vida e bem-estar. E acredita-se, ao menos por agora, ser a discussão (para alguns, em tom de preocupação) do século XXI: o meio ambiente e suas condições de sustentabilidade e, principalmente, o relação do homem e o meio ambiente.

Na atual discussão do meio ambiente envolvendo ambientalistas, profissionais na área de meio ambiente (que nem sempre são ambientalistas) e cidadãos globais e pós-modernos, um dos temas que mais se comenta na atualidade é o aquecimento global. Não foi por acaso que o político norte-americano, Al Gore¹, ganhou o Oscar 2007 na categoria “melhor documentário” e recebeu, no ano de 2007, o prêmio Nobel da Paz. Gore descreveu no documentário premiado² que a temperatura da Terra aumenta a cada dia e isto coloca em risco a continuação de

1 Ex-candidato à presidente dos Estados Unidos. Perdeu para George Bush, atual presidente.

2 Título: “Uma Verdade inconveniente”, produzido em 2006 por Davis Guggenheim e lançado em 2007. Tem 100 minutos e a classificação é 12 anos. Site oficial: <www.climatecrisis.net>

algumas espécies animais e vegetais, além de por em risco a qualidade de vida (e até a sobrevivência) no planeta.

Segundo Gore, o aquecimento global apresentará resultados drásticos em 50 anos, principalmente relacionados a doenças (ele cita surtos de malária, dengue e febre amarela). Ao citar que falta interesse político para diminuir ou até mesmo acabar com os efeitos do aquecimento global, Gore acrescenta que cada pessoa pode contribuir para diminuir as emissões de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera terrestre, que segundo ele e o último relatório do Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas (IPCC)³, é o principal causador do aquecimento global porque aumenta o efeito estufa.

Embora pareça lógico que se mais pessoas e empresas no mundo todo estão emitindo mais CO₂ para a atmosfera, o que já é comprovado cientificamente que aumenta o efeito estufa, o aquecimento global ainda não é consenso entre cientistas. Há aqueles que não se convenceram da teoria de que antes do fim deste século o planeta estará comprometido por causa dos efeitos de altas temperaturas causadas pela ação do homem.

Só que mesmo tido como certo para alguns cientistas e para outros não, o fato é que a discussão “aquecimento global” é a principal no atual período da sociedade pós-moderna. Ganhou destaque nas disciplinas de escolas, na prática pedagógica da interdisciplinaridade, reportagens especiais em revistas e canais de TV e chegou também aos desenhos animados, como é o caso de “Os Simpsons – o filme”.

Mas antes que se trate diretamente de “Os Simpsons – o filme”, é necessário explicar o que é animação e os efeitos dela na sociedade. Animação, no sentido literal da palavra, é a ação ou efeito de animar, movimentação, rebulição, entusiasmo, vivacidade e também, a técnica de fazer desenhos ou bonecos adquirirem movimentação na tela. Este último conceito é o utilizado na arte da animação.

A animação é uma arte/técnica usada principalmente como fonte de entretenimento. Em termos técnicos, a animação, ou desenho animado, parte do princípio de outra idéia, a história em quadrinhos. Da mesma forma da produção para gibi, o quadro do desenho animado é produzido tradicionalmente um a um e, assim, a animação pode ser gerada. Para isto pode-se fotografar uma imagem desenhada e a cada foto o desenho sofre uma alteração para quando as fotografias forem postas em seqüência, dar impressão de movimento.

3 O relatório foi divulgado em abril deste ano. Já o IPCC é ligado à Organização das Nações Unidas (ONU). Lembrando que de acordo com a Figura 1, apresentada neste capítulo, o presidente do IPCC, Rajendra Pachauri, também receberá o prêmio Nobel da Paz 2007.

Nos últimos 15 anos, em média, é registrado um crescimento na área da animação: as produções destinadas ao público adulto. A referência, neste caso, pode ser indicada ao desenho animado 'Os Simpsons', que está numa roupagem de fantasia destinada ao público adulto, que por sua vez, esteja envolvido na sociedade pós-moderna.

E a animação, por estar tão inerente ao entretenimento, também tem estado na pauta de várias pesquisas na área da comunicação. Na maioria das vezes, estes estudos analisam se os desenhos animados na televisão trazem contribuições para subsidiar apontamentos sobre os possíveis efeitos da animação no comportamento de quem a assiste.

É o caso da pesquisa de Pacheco (1998), 'O desenho animado na TV: Mitos, Símbolos e Metáforas', que delimitou as crianças como público do desenho animado, bem como a animação produzida para este grupo, determina que o público infantil interagi com a TV e elabora suas representações conforme sua estrutura sócio-cultural. Os resultados da pesquisa expõem que a apresentação de personagens crianças ou adolescentes nos desenhos animados faz com que as crianças que assistem se identifiquem. Além disso, os resultados da pesquisa revelam que as personagens e a temática apresentada são fatores determinantes para a preferência das crianças com relação à animação.

Estes resultados ainda apontam que:

Os desenhos animados, em sua maioria, apresentam situações que nos remetem aos seguintes conteúdos: o herói / o vencedor; o bem / o mal; a transgressão da ordem; a transformação; a inexistência do tempo métrico e do espaço definido; o prazer pelo fantástico e pelo terror; a identificação projetiva; a defesa do que é de sua propriedade; a necessidade de conforto e segurança; a eternidade da vida e dos valores; as explicações para as origens (dos começos, do universo, do nascimento, da humanidade, de quem sou eu?); a ação e a aventura; vitória sobre os inimigos e destruição dos mesmos; violência ainda que caricata; desejo de vingança; individualismo; egoísmo; onde nada é impossível já que não há tempo histórico e o espaço é indefinido (PACHECO, 1998, p. 3).

Em outra pesquisa acerca do desenho animado, desta vez com o objetivo de detectar traços de violência e sexo nas animações da programação da TV espanhola, os pesquisadores Prietro Rodríguez, March Cerdá e Del Castillo produziram uma análise de conteúdo. O estudo, realizado em 1996, analisou os desenhos animados transmitidos por cinco canais daquele país, durante uma semana. O relatório desta pesquisa apresenta a existência excessiva de violência, apresentação de funções e profissões determinadas pela condição das personagens em serem homem ou mulher

e publicidade direcionada às crianças durante a programação. Sobre a questão da violência, os resultados da pesquisa espanhola trazem apontamentos no mínimo interessantes:

A Associação Espanhola de Pediatria coloca que a visualização de alto índice de violência televisiva intervém como fator importante na determinação das condutas masculinas violentas devido à excitação generalizada que produz e a tendência à imitação de cenas violentas; portanto, segundo diz a Associação, existe uma relação direta entre a violência na televisão e a conseqüente conduta agressiva. (...) Outros autores apontam que a taxa de agressividade individual aumenta à medida que se eleva a quantidade de programas e filmes violentos vistos durante a etapa infanto-juvenil da vida (PRIETRO RODRIGUES, et.al., 1996, p.384).

Os autores citam que música em ritmo de suspense, armas bélicas, veículos em alta velocidade, guerras, ameaças contínuas, mortes, instinto de sobrevivência, força física, vingança e prepotência são alguns pontos que caracterizam os conteúdos violentos da programação televisiva infantil.

O clássico da literatura sobre comunicação de massa, que relaciona história em quadrinhos e neste caso, conseqüentemente, o desenho animado é o livro 'Para ler o Pato Donald – Comunicação de Massa e Colonialismo', de Ariel Dorfman e Armand Mattelart. A produção analisa as personagens dos estúdios Disney feitas para gibi e que atualmente também estão nas animações.

É claro que assim como as demais pesquisas citadas neste capítulo, Dorfman e Mattelart delimitaram seu estudo e o fixaram nas personagens Pato Donald, Tio Patinhas e Mickey, considerando quando necessário as demais aparições de personagens ligadas a estes. Entretanto, no decorrer da leitura é possível observar considerações gerais acerca de personagens em desenho e suas relações com a sociedade, como por exemplo, quando os autores colocam que a literatura infantil é "o foco onde melhor se pode estudar os disfarces e verdades do homem contemporâneo porque é onde menos se pensa encontrá-los" (DORFMAN; MATTELART, 1980, p. 22).

OS SIMPSONS

O desenho animado "Os Simpsons"⁴ tem conteúdo próprio para adultos,

4 Desenho animado que no Brasil vai ao todos os dias da semana, às 20 horas, no canal Fox, na programação da TV fechada. Aos domingos os episódios são inéditos, da nova temporada. Consulta em 5 de outubro de 2007.

mas em seu público está inserido grupos de crianças e adolescentes. Os episódios, produzidos nos Estados Unidos, têm temática variada e se passam em torno das personagens principais que foram uma família: Homer Simpson (o pai), Marge Simpson (a mãe), Bartolomeu Simpson, o Bart (o primogênito), Lisa Simpson (a irmã do meio) e Maggie Simpson (a filha caçula). As histórias têm como ambiente a cidade fictícia de Springfield, no país Estados Unidos, porém sem estado.

No site da empresa Google existem mais de 965 mil referências a “Os Simpsons”⁵, o que permite medir a citação do desenho na rede mundial de computadores. No livro “Os Simpsons e a filosofia”, lançado em 2001 nos Estados Unidos e em 2004 no Brasil, os autores⁶ afirmam que à época, 300 pessoas levavam oito meses, com custo de 1,5 milhão de dólares, para fazer um único episódio da série. O referido desenho animado passa no Brasil no canal Fox⁷.

Recentemente, conforme informações do site G1⁸, uma empresa de consultoria mundial, fez uma lista com os 100 maiores gênios vivos da humanidade⁹ e no quarto lugar está Matt Groening, que é o criador de “Os Simpsons”. Na lista ele aparece como comediante e perde colocação apenas para Albert Hoffman, químico da Suíça, Tim Berners-Lee, cientista da computação da Grã-Bretanha e George Soros Investidor e filantropia norte-americano.

Retornando aos textos de Skoble e os demais autores, afirma-se que:

Os Simpsons é rico em sátira (...) Pode parecer incongruente para aquelas pessoas que desprezam a série, considerando-a apenas um desenho animado sobre um bobão e sua família (e já vimos muitos programas assim), dizer que o programa é inteligente, mas, se ele for assistido com atenção, revelará níveis de comédia muito além da farsa (SKOBLE, et. al., p.14, 2004)

Teixeira (2007),¹⁰ parece concordar com os autores citados acima já que para ele, “Os Simpsons” é rico em sátira. Segundo o autor, outros desenhos animados

5 Fonte: < www.google.com.br >, consultado em 05 de outubro de 2007, com o nome do desenho Os Simpsons digitado entre aspas, o que permite encontrar resultados que contenham a expressão completa.

6 O livro é uma coletânea de Aeon J. Skoble, Mark T. Conard e William Irwin

7 Canal da TV fechada, disponível apenas para assinantes.

8 G1: site de jornalismo on line, das Organizações Globo: < www.globo.com/g1 >. A referida notícia foi publicada em 29 de outubro de 2007, atualizada em 30 de outubro de 2007, às 12h19.

9 Ainda conforme o G1, a empresa de consultoria, chamada Synectics, informou que cada um dos citados na lista foi avaliado nos quesitos “Mudança de Paradigma”, “Aclamação Popular”, “Poder Intelectual” e “Conquistas e Importância Cultural” para serem classificados do 1º a 100º lugar.

10 Em matéria publicada na revista Veja com o título “A sátira nua dos Simpsons” em 15 de agosto de 2007, na edição 2021.

retratavam a classe média americana, como “Os Flintstones” e “Os Jetsons”, mas a sátira social de Groening em “Os Simpsons” teria desbravado novos territórios. Segundo o autor, as famílias dos desenhos anteriores são acomodadas e felizes demais se comparadas aos Simpsons, que convivem de perto com o fracasso e a frustração, sentimentos típicos da sociedade real da atualidade.

O sucesso de “Os Simpsons” pode ser medido pelo tempo que o desenho existe: 18 anos. O longa-metragem do desenho saiu com a maioria da produção e trata de um dos temas mais comentados na atualidade: o aquecimento global.

O longa-metragem “Os Simpsons – o filme” estreou nos Estados Unidos em 27 de julho de 2007 e no Brasil, em 17 de agosto do mesmo ano. De acordo com a ficha técnica da produção, o gênero é desenho animado, o tempo é aproximadamente 90 minutos e a classificação é 12 anos. A distribuidora é a Fox (a mesma do canal citado anteriormente neste capítulo) e conforme os episódios da série, “Os Simpsons – o filme” é dirigido por Matt Groening. A produção leva os créditos de Groening, além de James L. Brooks e Al Jean.

A história do filme tem como pano de fundo as questões ambientais e todos os seus desdobramentos: aquecimento global, escassez de água, poluição, cidadania e meio ambiente. Isto porque o lago da cidade de Springfield dá sinais de poluição e os moradores precisam mudar seus hábitos para manter o lago em estado de sustentabilidade. Na história, o alerta da poluição do lago de Springfield é dado quando os membros da banda Green Day¹¹ morrem depois que o palco deles é diluído no poluído rio de Springfield, durante um show na cidade. A partir daí, Lisa Simpson inicia uma campanha para recuperar e preservar o lago. E na história, enquanto a maioria dos moradores tenta preservar o lago, Homer causa a poluição da água represada e, conseqüentemente, a poluição de Springfield, o que desencadeia grandes danos à cidade. Uma das sugestões do Governo (e que foi implantada) é colocar uma espécie de bolha em volta de Springfield, isolando-a do mundo. Todas as conseqüências do ato de Homer em poluir o lago e causar o isolamento da cidade, foram previstas pelo pai dele, durante cerimônia religiosa na igreja local. Contudo, as premonições dele, codificadas em algumas palavras e frases aparentemente sem sentido, não foram levadas à sério, salvo a preocupação de Marge com o que poderia acontecer.

Além da participação em desenho animado da banda punk rock norte-americana Green Day, que no show canta o tema de abertura da série na TV, o

11 A banda existe, de fato, fora das telas do longa-metragem e os membros foram desenhados conforme suas características físicas para participarem de um show em Springfield. O nome da banda, traduzido para o português, é Dia Verde.

desenho conta com a participação em desenho animado do ator norte-americano Tom Hanks (ele mesmo faz a dublagem de sua personagem) e citação de pessoas famosas e envolvidas com causas ambientais, como por exemplo, o vocalista e líder da banda irlandesa U2, Bono Vox. Vale registrar que o ator norte-americano Joe Mantegna faz a dublagem da personagem “Fat Tony”, o mafioso da cidade que também aparece na série. Na música que Homer canta para o porco de estimação, chamada Spider Pig, a referência é direta ao filme Spiderman, (Homem Aranha, em título do português).

É possível perceber que o filme traz diversas alusões, algumas por exemplo, que podem ser relacionadas ao documentário de Al Gore. O importante registrar é que estas alusões aparecem de forma que enriquecem a compreensão para quem assistiu o documentário, mas não compromete o entendimento para quem não o assistiu.

O uso da alusão é uma das características da série “Os Simpsons” que também foi utilizada no filme e é considerada bem sucedida, conforme os autores (SKOBLE et.al., 2004, p. 89) ao afirmarem que

O motivo pelo qual o uso em Os Simpsons da alusão é esteticamente bem sucedido é por não ser destrutivo. Os roteiristas reconhecem que nem todos serão capazes de captar todas as alusões, por isso as tecem de tal maneira que elas aumentam nosso prazer, se forem entendidas, mas não prejudicam a diversão, se não forem.

O filme conseguiu misturar dois pontos fortes: o sucesso da série, que não ficou em segundo plano no filme, e também a discussão ambiental no planeta que está em alta. “Os Simpsons – o filme” à primeira vista pode parecer só mais um desenho animado com o adicional de trazer um tema da discussão atual, o meio ambiente. Mas, como será atestado no capítulo seguinte, o discurso do meio ambiente de Os Simpsons traz verdades um tanto inconvenientes (numa alusão não por acaso ao documentário de Al Gore) quanto a sociedade pós-moderna atual.

A base da pesquisa monográfica em que se baseia este artigo é fazer uma análise do discurso ambiental de “Os Simpsons – o filme”, mas antes de se passar para os resultados, é necessário esclarecer o que vem a ser um discurso dentro da Escola Francesa, que foi a utilizada como referencial teórico. O francês Dominique Maingueneau¹², em seu livro ‘Termos Chave da Análise do Discurso’, faz a seguinte definição de discurso:

12 Professor de Lingüística na Universidade de Amiens, na França. Atuante na área de lingüística francesa e de análise do discurso, publicou vários livros relacionados ao tema.

Tomado em sua acepção mais ampla, aquela que ele tem precisamente na análise do discurso, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados . [...] Por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não lingüística, o discurso não pode ser o objeto de uma abordagem puramente lingüística (MAINGUENEAU, 2000, p. 43).

O estudioso acrescenta que o discurso se constrói em função de uma finalidade e por isso é orientado. Entretanto, não descarta a possibilidade deste discurso se desviar durante o curso, mudando de direção. Ele declara ainda que o discurso é interativo, mesmo em casos onde a comunicação direta não ocorre, ou o diálogo propriamente dito. O trecho seguinte expõe esta questão do discurso ser interativo:

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma interatividade constitutiva (fala-se também de dialogismo), é uma troca, explícita ou implícita. Com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação, à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso. Nessa perspectiva, a conversação não é considerada como discurso por excelência, mas somente como uma das formas de manifestação – mesmo sendo, inquestionavelmente, a mais importante – da interatividade essencial do discurso (MAINGUENEAU, 2004, p. 54).

Assim, pode-se afirmar que o discurso não é um enunciado condicionado à comunicação direta, podendo ser analisado com a observação de seu contexto, ou seja, considerando que o discurso tem relação com a sociedade a qual está inserido. O autor frisa isto muito bem em suas produções acerca da análise do discurso. Para ele, não existe discurso senão contextualizado. “Não se pode verdadeiramente atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto” (MAINGUENEAU, 2004, p.54). Ele coloca também que o discurso é assumido por um sujeito.

Tantas referências a este autor não ocorrem por acaso, visto que ele acaba por ser o maior representante, vivo na atualidade, da Escola Francesa – que trabalha e considera a análise do discurso como ferramenta metodológica. Além disto, este autor segue os estudos de Pêcheux, o filósofo francês responsável pelo vértice dos estudos nesta área.

No livro ‘Elementos de Análise do Discurso’, lançado em 2000, José Luiz Fiorin¹³ declara que um texto pode ser abordado de dois pontos que se completam. Para ele, pode-se analisar os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela

produção do sentido e pode-se também entender o discurso como objeto cultural. Nesta declaração, Fiorin nada mais fez que introduzir a seus leitores o conceito de Análise do Discurso na Escola Francesa, tendo em vista que Maingueneau afirma que Análise do Discurso é “a disciplina que em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu contexto, visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social, ” (2000, p.13). Assim, para se seguir com a Análise do Discurso, é imprescindível discriminar quatro pontos fundamentais: Ato de Linguagem, Campo Discursivo, Sujeito e Condição de Produção.

O primeiro, também conhecido como Ato de Palavra, Ato de Discurso, Ato de Fala e ainda Objeto de Fala, é, em uma colocação prática, o enunciado em si. “Ele deve satisfazer um certo número de condições de emprego, ou seja, condições de sucesso que o tornam apropriado ao contexto” (MAINGUENEAU, 2000, p. 16). Prosseguindo com os conceitos do autor, tem-se que Campo Discursivo é o espaço onde um conjunto de formações discursivas está inserido. Assim, é “um jogo de equilíbrios instáveis entre diversas forças que, em certos momentos, move-se para estabelecer uma nova configuração” (MAINGUENEAU, 2000, p. 19). Para conceituar Sujeito, declara-se que ele é a base do discurso já que de acordo com o autor, “O discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz” (MAINGUENEAU, 2004, p.55). ‘Condição de Produção’ é utilizado para designar não somente o meio ambiente material do discurso, mas também para as representações imaginárias que os envolvidos no processo discursivo fazem de si. “Essas representações imaginárias se constituem do que já foi dito e do que já foi ouvido” (MAINGUENEAU, 2000, p. 30).

“Os Simpsons – o filme” disponibiliza vários recursos e condições para se fazer uma análise discursiva integral do episódio. Entretanto, é importante salientar que, segundo como Maingueneau (2000, p.20) “o analista não estuda a totalidade de um campo discursivo, mas ele extrai dela um subconjunto”. Desta forma a pesquisa base deste artigo selecionou quatro trechos considerados importantes para o entendimento do longa-metragem, lembrando que para a escolha dos trechos foi seguido o critério de que houvesse relação com o meio ambiente, que é o pano de fundo deste trabalho, além do cuidado de escolher trechos que estivessem em espaços alternados do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca de tudo que foi estudado sobre sociedade pós-moderna, entretenimento, as discussões ambientais da atualidade e ainda, após o trabalho de análise do discurso ambiental de “Os Simpsons – o filme”, pôde se fazer algumas observações.

A primeira delas é que convém retornar, ainda que brevemente, a um ponto considerado importante. Este ponto é o fato da pesquisa lidar ao mesmo tempo com elementos fictícios (personagens e contextos de um desenho animado), e com a realidade da sociedade atual. A fantasia do objeto analisado (“Os Simpsons - o filme”, com seu contexto e suas personagens) e a sociedade pós-moderna são correlatos e apresentam-se de formas semelhantes, ainda que diante de um olhar desatento pareçam divergentes. E é nesta observação que surge outra consideração importante: fazer com que “olhares desatentos”, por vezes com viés de preconceito, deixem de ser maioria quando a afirmativa for que o entretenimento também pode ser um meio de comunicação.

Na análise do discurso ambiental de “Os Simpsons – o filme”, pôde ser observado que as atuais discussões ambientais são jogadas para o telespectador de uma maneira mais chocante e ao mesmo tempo divertida, do que seriam transmitidas em um telejornal e/ou jornal impresso. Mas observe que o discurso é o mesmo: “devemos mudar nossos hábitos e atitudes no dia-a-dia para que a ação de cada um promova um movimento coletivo para preservação do planeta Terra”. O que se pôde observar é que o entretenimento cinematográfico pode funcionar como meio de comunicação, já que a sociedade se reconhece nos episódios.

Referências

- CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna – Introdução às teorias do Contemporâneo**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- DORFMAN, Ariel. MTELARD, Armand. **Para ler o Pato Donald – Comunicação de massa e colonialismo**. Tradução: Álvaro de Moya. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. 8ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- GAMBARATO, Renira Rampazzo. **Extudo do Pós-Tudo**, Revista Textos de La CiberSociedad, 4. Temática variada. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net> >. Primeiro acesso em 9 de agosto de 2005, 12h40min.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LIMA, Raymundo de. **Para entender o pós-modernismo**. Revista Espaço Acadêmico, nº 35: abril 2004. Disponível em < www.espacoacademico.com.br >. Primeiro acesso em 9 de agosto de 2005, 14h55min.
- PRIETRO RODRÍGUEZ, M. A. ; March Cerda, J.C.; del Castilho, A Argente; **Violência y sexismo em los dibujos animados de la programación infantil de televisión**. Análisis de contenido. Escuela Andaluza de Salud Pública, Volumen 17, nº 6, p. 382-389: Lunes: Granada, abril 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-Chave da análise do discurso**. Tradução: Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- _____. **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez:2004
- OS SIMPSONS – o filme**. Dirigido por Matt Groening, produzido por James L. Brooks e Matt Groening. Gênero: Comédia. Classificação 12 anos. Distribuído por Fox: 2007.
- PACHECO, E. D. (coord.). **O Desenho Animado na TV: Mitos, Símbolos e Metáforas**. São Paulo, 1998. Relatório – LAPIC, ECA-USP.
- RIFKIN, Jeremy. **A Era do Acesso**. São Paulo: Makron Books, 2001.
- SKOBLE, Aeon J.; CONARD. Mark T.; IRWIN William. **Os Simpsons e a Filosofia**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.
- TEIXEIRA, Jerônimo. **A sátira nua dos Simpsons**. Revista Veja, Edição 2021, Ano 40, Editora Abril: São Paulo, 15 de agosto de 2007.
- UMA VERDADE Inconveniente**. Dirigido por Davis Guggenheim, produzido por Lawrence Bender, Scott Burns, Scott Z. Burns e Laurie David, estrelado por Al Gore. Gênero: Documentário. Classificação: 12 anos. Distribuído por Paramount Pictures Brasil: 2006